



Quando Lasswell encontra a cobertura eleitoral da FSP¹

Uma proposta para uso do “Coeficiente de Desequilíbrio” de H. Lasswell na análise empírica da produção jornalística sobre o PT e o PSDB nas eleições de 2002 a 2010 a presidente do Brasil

Emerson Urizzi CERVI²
Universidade Federal do Paraná, Curitiba – PR
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa - PR

RESUMO:

O trabalho insere-se no campo das pesquisas empíricas sobre jornalismo. Trata-se de análise quantitativa da produção noticiosa sobre os dois principais partidos políticos que disputaram as eleições presidenciais brasileiras entre 2002 e 2010, o PT e o PSDB. O jornal é a Folha de São Paulo, que possui uma das maiores tiragens do País. O objetivo é aplicar o “Coeficiente de Desequilíbrio”, proposto por H. Lasswell em 1943 para a análise de conteúdos sobre a segunda guerra mundial de jornais norte-americanos. Aqui, o coeficiente é adaptado para o estudo de textos positivos e negativos a respeito dos candidatos do PT e PSDB nas três últimas eleições presidenciais. Foram incluídos os textos publicados entre fevereiro e outubro dos anos eleitorais que citavam pelo menos um dos dois candidatos. Ao todo, são quase 22 mil textos para a análise quantitativa. Os resultados indicam que a cobertura informativa, opinativa e chamadas de primeira página apresentam uma tendência de negatividade.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo eleitoral; Análise de conteúdo; Coeficiente de Desequilíbrio; Folha de São Paulo; PT e PSDB.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa empírica em jornalismo tem aproximadamente um século de existência. E não está restrita apenas aos conhecidos estudos de análise de conteúdo feitos pela Escola de Chicago, a partir dos anos 10, do século XX nos Estados Unidos. O grupo de pesquisadores reunidos na universidade de Chicago foi responsável pelos primeiros passos das pesquisas de campo em comunicação a partir de suportes impressos e dos então novos meios eletrônicos (cinema e rádio). Porém, em 1910, em uma conferência

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do DT 1 – Jornalismo – XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Unicap – Recife – PE. Setembro de 2011

² Professor do Departamento de Ciências Sociais e Mestrado em Ciência Política, na linha de Comunicação Política, da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Coordenador do grupo de pesquisa junto ao Cnpq “Mídia, Política e Atores Sociais”. email: ecervi7@gmail.com



de abertura da Associação Alemã de Sociologia, Max Weber defendeu que para entendermos a sociedade de então era preciso estudar os jornais com régua (Weber, 2005). Ele diz, textualmente, “teremos que medir com tesoura e compasso como foi se transformando o conteúdo dos jornais, em seu aspecto quantitativo, no transcurso da última geração” (Weber, 2005, p. 20). Os objetivos dos estudos chamados pelo sociólogo alemão de “programa de pesquisa para a sociologia da imprensa” seriam os de podermos investigar as relações de poder criadas pelo jornalismo ao tornar públicos determinados temas e questões.

No mesmo período desenvolvia-se nos Estados Unidos um conjunto de pesquisas sobre os impactos da mídia na sociedade contemporânea, capitaneadas por um grupo de sociólogos. Conhecida por Escola Empírica de Chicago, foi responsável pelas primeiras teorizações sobre a relação entre mídia e sociedade utilizando instrumentos de pesquisa de campo - não a ensaísta/filosófica que havia predominado em todo o século XIX. Um dos autores mais expoentes da primeira fase dessas pesquisas foi o sociólogo *Harold Lasswell*, que estabeleceu as bases para o uso da análise de conteúdo dos textos publicitários e jornalísticos com fins políticos. Em artigo publicado na revista *Public Opinion Quarterly (POQ)*, de 1961, o então diretor do departamento de sociologia da Universidade de Chicago reconhece ser de “*Lasswell* a introdução da técnica de abordagem da análise de conteúdo, com uma preocupação de dissecação molecular do conteúdo da comunicação, permitindo muitos avanços na metodologia científica [tradução do autor]” (Janowitz, 1961, p. 650)³. O próprio *Lasswell*, em artigo na *POQ*, publicado em co-autoria com *Dorothy Blumenstock*, em 1939, apresenta os resultados de uma pesquisa sobre o volume de aparições do que eles chamam de propaganda comunista em jornais da cidade de Chicago na primeira metade da década de 1930. A partir dos conteúdos dos periódicos estudados eles concluem que o discurso comunista nos jornais cresceu, junto com o aumento no número de filiados ao partido comunista de Chicago, ambos estimulados pela crise econômica gerada pela depressão de 1929 (*Lasswell e Blumenstock*, 1939).

Mais recentemente, em 2006, outro sociólogo reconhecido pelas suas contribuições teóricas na área da comunicação, *Jünger Habermas*, publicou artigo na revista *Communication Theory* no qual apresenta um conjunto de categorias para a análise

³ No original: “(...)for lasswell the technique and approach of content analysis, with its concern for the molecular dissection of communication content, came as do many advances in the methodology of science.”



empírica da produção jornalística atual – especificamente relacionado à identificação das fontes que são citadas nos textos dos periódicos. A esse artigo ele dá o nome de “Comunicação Política na sociedade midiática: será que a democracia ainda desfruta de uma dimensão epistêmica? O impacto da teoria normativa na pesquisa empírica [tradução do autor]”⁴. No texto, Habermas defende que o centro do debate democrático nas sociedades complexas ainda são os meios de comunicação e, portanto, é preciso conhecer que atores políticos conseguem espaço nos jornais para manifestar suas opiniões e visões de mundo (Habermas, 2006).

Tendo em vista a contínua relação feita ao longo do século XX por diferentes escolas teóricas entre pesquisa empírica jornalística e a esfera política, o *paper* propõe a adaptação de uma técnica de análise de conteúdo, chamada de Coeficiente de Desequilíbrio, para o estudo das coberturas eleitorais do jornal Folha de São Paulo nas disputas presidenciais de 2002, 2006 e 2010, no Brasil. A técnica foi apresentada por H. Lasswell em 1942 para a verificação empírica da presença de textos com cargas valorativas positivas e negativas sobre a Alemanha nazista por dez jornais norte-americanos durante a segunda guerra mundial. Aqui, ele é aplicado para comparação entre tipo de tratamento dispensado pela Folha de São Paulo (positivo ou negativo) aos candidatos dos dois principais partidos das disputas – PSDB e PT.

Busca-se testar um instrumento de análise empírica quantitativa apenas dos textos com valências positivas e negativas dos candidatos e não a cobertura toda. Com isso, acredita-se possível responder se houve uma cobertura equilibrada ou desequilibrada em termos de valências na FSP para os dois principais candidatos que disputaram as eleições presidenciais no Brasil. Serão utilizados dados empíricos de dois grupos de pesquisa permanentes que fazem o monitoramento da cobertura eleitoral: Grupo de Pesquisa em Mídia, Política e Atores Sociais, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e Grupo de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública, da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A metodologia de coleta de dados utilizada pelos dois grupos é uma adaptação da proposta original feita pelo grupo de pesquisadores liderados por Marcus Figueiredo, do Instituto Doxa, então vinculado ao Iuperj (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro).

A partir daqui, o *paper* está dividido em três partes. Na primeira é feita uma contextualização das três disputas eleitorais, em especial no que diz respeito aos dois

⁴ No original: “Political Communication in media society: does democracy still enjoy an epistemic dimension? The impact of normative theory on empirical research”



principais candidatos. Em seguida são apresentados os dados empíricos e as análises do Coeficiente de Desequilíbrio das valências positivas e negativas para o PT e PSDB. Por fim, são feitas considerações a respeito do rendimento da aplicação dessa técnica de análise a um tipo de produção jornalística específica, que é a cobertura eleitoral.

2. O CONTEXTO ELEITORAL E DA COBERTURA JORNALÍSTICA

Apesar da recorrente afirmação de que o Brasil tem um número muito grande de partidos políticos e que isso atrapalha o nosso sistema eleitoral, as composições das mais recentes disputas presidenciais apontam no sentido oposto. Entre 2002 e 2010 tivemos no máximo quatro candidatos viáveis eleitoralmente em cada disputa. Além disso, demonstrando estabilidade do nosso sistema político, apenas dois partidos conseguiram passar para o segundo turno nas três disputas em análise aqui: PT e PSDB⁵. Em 2002, Luis Inácio Lula da Silva (PT) e José Serra (PSDB) fizeram, juntos, no primeiro turno 77,12% dos votos válidos, com vitória do candidato petista no segundo turno. Em 2006, Lula (PT), candidato à reeleição, e Geraldo Alckimin (PSDB) pela oposição somaram 90,2% dos votos válidos no primeiro turno. Lula (PT) conseguiu a reeleição no segundo turno. Em 2010, nova dobradinha de petistas e tucanos na preferência eleitoral. Dilma Rousseff (PT) e José Serra (PSDB) tiveram 79,5% dos votos válidos no primeiro turno, com a primeira sendo eleita no turno seguinte. Esses dados oficiais do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) mostram a estabilidade do sistema partidário brasileiro nas últimas três eleições. Nelas, os concorrentes do PT e PSDB estiveram à frente nas intenções de votos e somaram pelo menos $\frac{3}{4}$ do total de votos válidos em cada disputa.

A “normalidade” nas recentes disputas presidenciais permite uma análise comparativa da cobertura feita pela imprensa dos processos eleitorais. Isso porque, apesar do domínio de votos, o contexto das disputas entre PSDB e PT foi alterado entre as três disputas. Em 2002, o candidato petista fazia oposição ao então governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB). O ex-ministro José Serra disputava como candidato da continuidade. Com a vitória de Lula, em 2006 ele naturalmente concorreu à reeleição e

⁵ Em 2002, candidataram-se à presidência da república, além de Lula (PT) e José Serra (PSDB), Anthony Garotinho (PSB), Ciro Gomes (PPS), Zé Maria (PSTU) e Rui Costa Pimenta (PCO). Em 2006 foram candidatos Lula (PT), Geraldo Alckimin (PSDB), Heloísa Helena (Pso), Critovam Buarque (PDT), Ana Maria Rangel (PRP), José Maria Eymael (PSDC) e Luciano Bivar (PSL). Em 2010, concorreram, Além de Dilma Rousseff (PT) e José Serra (PSDB), Marina Silva (PV), Plínio de Arruda Sampaio (Pso), José Maria Eymael (PSDC), José Maria de Almeida (PSTU), Levy Fidelix (PRTB), Ivan Pinheiro (PCB) e Rui Costa Pimenta (PCO) (Fonte: www.tse.org.br).



seu principal opositor tornou-se o candidato do PSDB, então governador de São Paulo, Geraldo Alckmin. Na mais recente disputa, sem poder concorrer à reeleição, Lula apoiou a candidatura da ministra chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff. O PSDB teve como candidato de oposição o então governador de São Paulo, José Serra. Enquanto o mesmo candidato do PSDB em 2002 e 2010, José Serra, passou de situacionista a concorrente da oposição, o PT disputou a primeira eleição como oposição e terminou como partido da situação.

Outra informação importante para a análise é que quase todos os principais atores dos dois partidos nas disputas presidenciais eram paulistas. À exceção de Dilma Rousseff, os demais: Fernando Henrique Cardoso, José Serra, Geraldo Alckmin e Lula são políticos paulistas com história de militância no Estado. Além disso, Serra e Alckmin participaram das campanhas presidenciais pouco antes ou logo após serem eleitos governadores de São Paulo. Isso ganha importância se considerarmos que a cobertura a ser analisada aqui é a feita pelo jornal Folha de São Paulo, com sede na capital paulista, e maior influência no debate político regional.

A Folha de São Paulo foi escolhida para a análise da cobertura eleitoral por ser um dos diários com maior tiragem do país. Segundo informações do próprio jornal, em 2010 a circulação paga média por dia foi de 294,4 mil exemplares (www1.folha.uol.com.br). Essa circulação é majoritariamente concentrada no Estado de São Paulo. Apesar disso, faz parte do grupo de comunicação da FSP a agência de notícias Folha (AF), uma das agências mais acessadas por veículos de comunicação regionais, e, considerando que o conteúdo produzido pela AF é próximo daquele publicado pela FSP, o conteúdo desse jornal não se distancia da média do que se publica sobre campanhas eleitorais em outros periódicos brasileiros. Some-se a isso o fato de que a linha editorial se define a partir dos princípios editoriais de “pluralismo, apartidarismo, jornalismo crítico e independência”⁶. Que são, basicamente, os mesmos que norteiam todo o jornalismo diário brasileiro. No entanto, não se espera com isso extrapolar os resultados obtidos sobre a cobertura da FSP para os demais jornais brasileiros. Pretendemos, apenas, estudar as coberturas deste jornal das três disputas eleitorais em questão.

O objeto específico de análise aqui são as citações dos candidatos a presidente do PT e PSDB entre 2002 e 2010 que apresentam valências válidas (positiva ou negativa), ou seja, não neutras. Para tanto, é utilizada a técnica de análise de conteúdo, que, segundo

⁶ Fonte: http://www1.folha.uol.com.br/institucional/conheca_a_folha.shtml Acesso em 12/07/2010



Bauer (2003), pode ser definida como um método de observação empírica que usa códigos numéricos para representar quantidades, tipos, qualidades e distinções nos textos, permitindo identificar valores individuais ou a construção de indicadores a partir de várias características. Para tanto, a técnica parte de dois conjuntos de unidades. As unidades de pesquisa e as unidades de seleção. No caso do estudo desenvolvido aqui, as unidades de pesquisa são todos os textos publicados nas páginas do jornal Folha de São Paulo entre fevereiro e outubro dos anos eleitorais. Porém, são analisados apenas os textos que contêm o nome de pelo menos um dos candidatos a presidente do PT ou PSDB. Portanto, os candidatos são as unidades de seleção. Cada texto que cita o nome de pelo menos um dos candidatos a presidente é uma entrada no banco de dados.

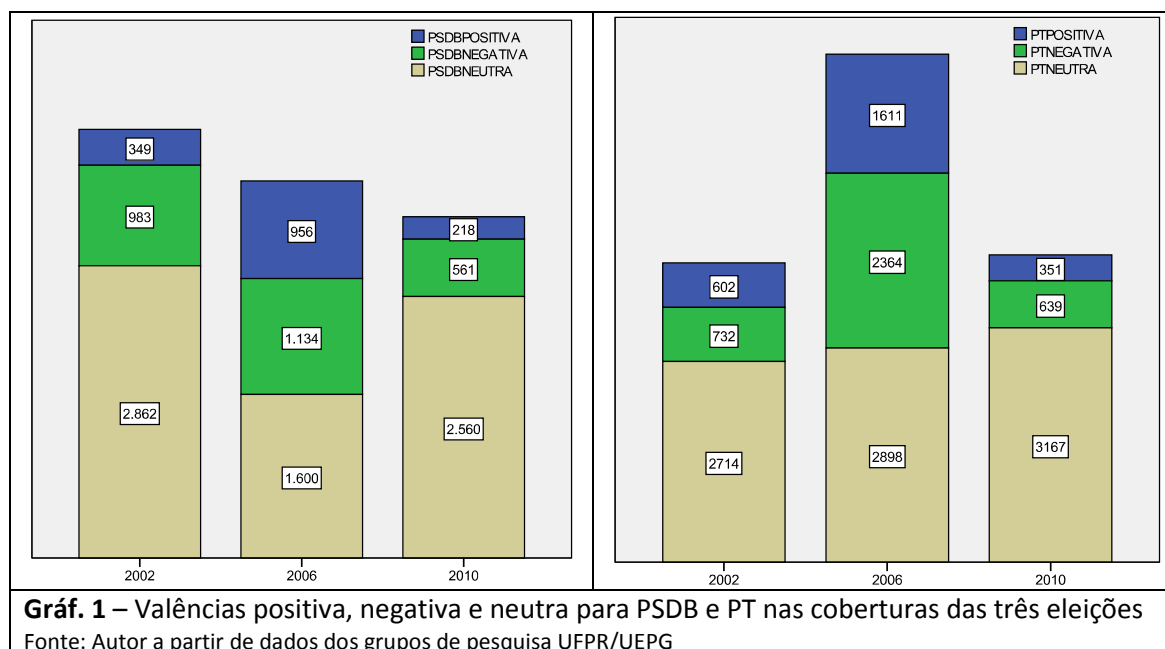
Aqui não serão analisadas todas as entradas - citações dos dois principais candidatos em cada disputa -, mas apenas aquelas que tiverem valências válidas. Para cada uma das entradas é dado um código referente à valência, que é o aferido a partir de elementos valorativos explícitos no texto. A valência pode ser “positiva”, “negativa” ou “neutra”. De acordo com o livro de código dos grupos de pesquisa, valência positiva ocorre quando há um texto sobre ou com o candidato abordando ações de sua iniciativa; auto-declaração, declarações do autor do texto ou de terceiros favoráveis ao candidato no que diz respeito a avaliações de ordem moral, política, pessoal ou a suas propostas de governo; assim como resultados de pesquisas eleitorais ou estudos favoráveis à candidatura. Já a valência negativa é aquela que aparece em textos com ressalvas, críticas ou ataques explícitos ao candidato, contendo avaliação de ordem moral, política ou pessoal do autor do texto ou de terceiros sobre a atuação do candidato ou de suas propostas. Também vale para a divulgação de resultados de pesquisas ou estudos desfavoráveis ao parlamentar. A valência neutra está presente em textos onde consta apenas a agenda do candidato, citação sem avaliação moral, política ou pessoal do candidato; simples reprodução de resultados de campanha, sem avaliação sobre a posição adotada pelo candidato⁷.

Assim, o total da cobertura dos candidatos à presidência da FSP divide-se em textos com valência positiva, negativa e neutra, com predomínio da última sobre as demais. Por se tratar de um jornal diário, com cobertura fragmentada, e que se apresenta a partir dos princípios do apartidarismo e independência, há uma tendência de encontrarmos

⁷ As definições de valências utilizadas pelos grupos de pesquisa da UFPR e UEPG são adaptações dos conceitos originais presentes nas primeiras pesquisas realizadas pelo Instituto Doxa/Iuperj, nos anos 90, sobre análise de conteúdo da cobertura eleitoral em meios de comunicação impressos no Brasil.

mais textos puramente informativos, como, por exemplo, definição de agenda de candidato, do que entradas com juízos de valores explícitos - sejam eles positivos ou negativos. Para se ter uma idéia, os percentuais de valências neutras variaram entre 43% e 76% do total de entradas dos candidatos do PT e PSDB nas três eleições.

O gráfico 1 a seguir representa as proporções de cada uma das valências na cobertura da FSP dos candidatos dos dois partidos nas três eleições. Eles permitem visualizar como a valência neutra predomina. Também se pode notar um crescimento no número de citações do candidato do PT em 2006 em função de ser presidente concorrendo à reeleição e estarem computadas tanto as citações como presidente como as de candidato. Também é o ano com maior proporção de valências negativas para o PT.



Dando continuidade à análise, valências positiva e negativa são chamadas de “válidas” por apresentarem explicitamente uma posição contrária ou favorável ao candidato no texto. Já a valência neutra não pode ser incluída entre as válidas por não permitir um posicionamento claro a partir do conteúdo do texto. Portanto, serão objeto de análise aqui as entradas referentes às faixas verde e azul do gráfico 1. A análise sobre o posicionamento do jornal em relação aos candidatos a partir do Coeficiente de Desequilíbrio (Lasswell, 1980) tem o objetivo de identificar se a cobertura tendeu a ser mais favorável ou desfavorável a ambos ou a um deles apenas.

A partir daqui pretende-se saber se, descontadas as valências neutras, os textos publicados pelo jornal são mais positivos ou negativos para um dos partidos, ou seja, se

existe e qual o grau de desequilíbrio nas valências válidas da cobertura. Também será possível perceber se houve mudança no “desequilíbrio” da cobertura dos partidos entre as disputas eleitorais. O detalhamento da aplicação da metodologia de análise da FSP, assim como apresentação dos dados e a descrição dos coeficientes de desequilíbrio são objeto do próximo tópico.

3. ANÁLISE DE DADOS E IDENTIFICAÇÃO DO “DESEQUILÍBRIO” DA COBERTURA ELEITORAL DA FSP

A cobertura da FSP fez das três eleições apresentou algumas diferenças em relação às citações dos candidatos do PT e PSDB. A primeira diz respeito ao total de citação dos candidatos, aqui, incluindo todos os que disputaram cada uma das eleições presidenciais. Como sumarizado na tabela 1 a seguir, em 2002 houve um total de 7,1 mil citações de candidatos a presidente, contra 8,5 mil em 2006, caindo para 6,1 mil em 2010. A mais recente foi a que apresentou o menor número de citações de candidatos. Em relação às citações do candidato do PSDB, em 2002 foram 4,1 mil (58,3%) do total de textos que continham o nome de um dos concorrentes. Em 2006 foram apenas 3,6 mil citações, com participação proporcional de 42,9% no total de textos. Em 2010 são 3,3 mil citações (54,2%). Já o candidato do PT foi citado 4,0 mil vezes em 2002 (56,3%); 6,8 mil vezes em 2006 (79,9%) e 4,1 mil em 2010 (67,4%). O crescimento da participação do PT no total das citações dos candidatos em 2006 explica a elevação no número total de citações naquele ano. Como já referido antes, 2006 foi a única eleição dentre as três analisadas aqui em que o então presidente era candidato à reeleição. Assim, todas as citações de Lula no jornal foram computadas, inclusive aquelas em que ele aparece como presidente da república.

Tab. 1 – Total de citações do PSDB e PT por ano eleitoral

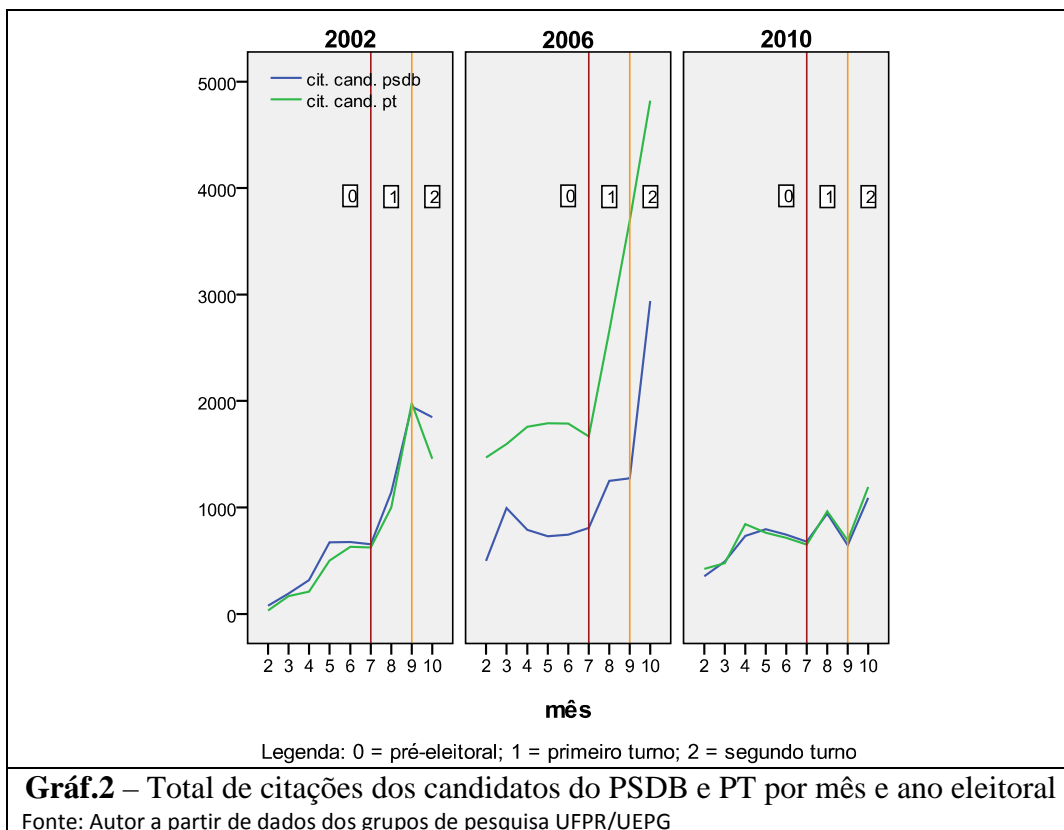
Ano	Cit. Total	Cit. PSDB	Cit. PT
2002	7.189	4.194 (58,34)	4.048 (56,31)
2006	8.595	3.690 (42,93)	6.873 (79,96)
2010	6.160	3.339 (54,20)	4.157 (67,48)

Fonte: Autor a partir de dados dos grupos de pesquisa UFPR/UEPG

Se desconsiderarmos as citações de Lula presidente, em 2006 os dois partidos teriam participações muito próximas, ou seja, estariam em cerca de metade dos textos publicados sobre a disputa presidencial. Percebe-se que de maneira geral a cobertura da

disputa presidencial pela FSP é baseada nos partidos maiores. Ressalte-se ainda que do ponto de vista geral, 2010 foi o ano em que o jornal apresentou o menor volume de cobertura sobre os candidatos à presidência da república.

O gráfico 2 a seguir mostra a dinâmica das citações dos candidatos do PSDB e PT nas três eleições analisadas. O gráfico reúne as citações dos concorrentes por mês, começando em fevereiro de cada ano e seguindo até o final de outubro, quando ocorre o segundo turno. A diferença entre as curvas de 2006 reforça que o candidato à reeleição tem maior visibilidade no jornal. É a única disputa em que o PT tem maior número de citações que o PSDB durante todo o período (de fevereiro a outubro). Em 2002 e 2006 os números de citações ficaram muito próximos durante todos os dez meses analisados. As diferenças entre as duas eleições é que em 2002 o PSDB tem um número de citações por mês durante o período pré-eleitoral um pouco superior ao PT. No primeiro turno os dois partidos se aproximam e no segundo turno nota-se uma queda das citações de Lula (PT) em relação a José Serra (PSDB). Em 2010, ao contrário, a candidata do PT apresentou um número maior de citações que o do PSDB até o mês de abril. Em seguida eles ficaram muito próximos. No primeiro turno percebe-se um equilíbrio entre eles para, em seguida, haver um número de citações de Rouseff superior ao de Serra.





Até aqui verificamos, em relação à quantidade de cobertura da FSP nas últimas três eleições presidenciais que: em primeiro lugar há uma média de cobertura próxima de 30 citações de candidato por edição, entre fevereiro e outubro. Desse total, em torno da metade é de citações de candidatos do PT e/ou PSDB. Porém, apenas o número de citações dos candidatos não é suficiente para indicar um padrão comparativo de cobertura do jornal. Percebe-se também que no ano em que o PT teve candidato à reeleição, aumentou a participação relativa dele nas edições do jornal, quando comparado à presença do candidato do PSDB. Apenas a verificação da presença dos candidatos não é suficiente para os objetivos desse trabalho. O próximo passo é analisar as valências das citações, pois um candidato muito citado, porém, de forma negativa, não está sendo “favorecido” pelo periódico.

A tabela 2 a seguir mostra os percentuais de valências dos candidatos dos dois partidos analisados aqui. Como outros estudos têm demonstrado, há uma tendência de textos neutros na cobertura diária das campanhas eleitorais. São, normalmente, informações sobre agenda de campanha. As valências neutras para os dois partidos em 2002 e 2010 variaram entre 67% e 76% do total, ou seja, cerca de três em cada quatro citações dos candidatos eram neutras. Apenas em 2006 é que as valências neutras apresentaram queda, ficando em 43,3% para o PSDB e 42,1% no caso do PT.

Comparando as valências válidas (positiva e negativa) em cada partido por ano, percebe-se que em 2002, no caso do PSDB o percentual de negativa foi quase três vezes maior que a de positiva (23,4% a 8,3%), enquanto que em 2006 essa diferença caiu bastante, ficando muito próximas, embora ainda mais negativo que positivo (25,9% contra 30,7%); para em 2010 a diferença voltar a crescer, ficando em quase o triplo de valência negativa (16,8%) em relação ao percentual de positivo (6,5%).

No caso dos candidatos do PT, as diferenças entre valências válidas não foram tão grandes. Em 2002, a valência negativa ficou em torno de um terço a mais que o percentual de positiva (18,0% a 14,8%). Em 2006 as diferenças proporcionais mantiveram-se praticamente as mesmas, com vantagem para a negativa (25,4% a 34,3%). Em 2010 cresceram e a valência negativa da candidata do PT quase chega ao dobro da positiva na FSP (8,4% de positiva contra 15,3% de negativa). Há um comportamento padrão nas três disputas para os dois partidos: sempre as valências negativas são superiores às positivas, o que será melhor discutido e testado empiricamente na próxima seção, com o uso da “fórmula de Desequilíbrio” de Lasswell (1980).

Tab. 2 – Participação das valências para PSDB e PT nas disputas presidenciais na FSP

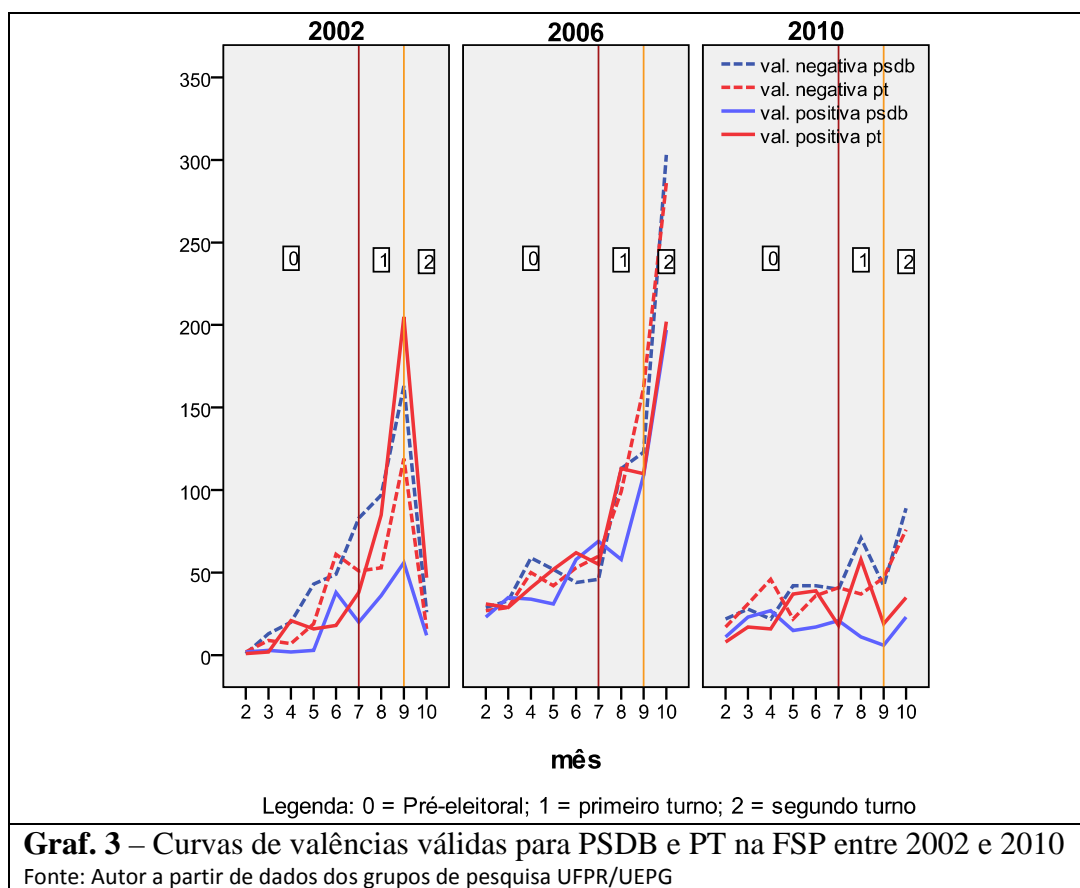
Ano	Valência PSDB			Valência PT		
	Positiva	Negativa	Neutra	Positiva	Negativa	Neutra
2002	349 (8,32)	983 (23,44)	2.862 (68,24)	602 (14,87)	732 (18,08)	2714 (67,05)
2006	956 (25,90)	1.134 (30,73)	1.600 (43,37)	1611 (25,44)	2364 (34,39)	2898 (42,17)
2010	218 (06,53)	561 (16,80)	2.560 (76,67)	351 (8,44)	639 (15,37)	3167 (76,17)

Fonte: Autor a partir de dados dos grupos de pesquisa UFPR/UEPG

Ainda em relação aos dados apresentados na tabela 2, podemos fazer a comparação entre as valências dos diferentes partidos em cada disputa. Em 2002 e em 2010, o PSDB apresentou um percentual menor de valências positivas do que o PT. Em 2002, José Serra teve 8,3% de positiva, contra 14,8% de Lula. Em 2010, foram 6,5% de valência positiva para Serra, contra 8,4% em 2010. Em 2006, Alckmin teve um pouco mais, proporcionalmente, de cobertura positiva do que Lula, com 25,9% contra 25,4%, porém, a diferença é de menos de um ponto percentual. Já quanto a comparação da cobertura negativa, em 2002 e 2010 o PSDB apresentou percentuais superiores aos do PT. Na primeira disputa esteve em 23,4% de negativo para PSDB, contra 18,0% para PT. Na última, a diferença caiu para menos de um ponto percentual, sendo 16,8% para PSDB e 15,3% do PT. Apenas em 2006 é que essa relação inverteu-se, com o PSDB tendo menos cobertura negativa do que o PT. O total foi 30,7% para o primeiro, contra 34,3% para o segundo. Percebe-se ainda que esse foi o ano em que as valências neutras apresentaram os menores percentuais para os dois partidos.

O gráfico 3 abaixo representa as curvas de tendência das valências válidas para os dois partidos entre os meses de fevereiro de outubro de cada ano. A imagem foi segmentada entre os períodos pré-eleitoral, primeiro e segundo turnos para facilitar a visualização. As linhas contínuas indicam o total de citações positivas dos candidatos por mês. As pontilhadas fazem o mesmo para as valências negativas.

Em 2002 percebe-se um crescimento constante das valências positivas e negativas dos dois partidos no período pré-eleitoral e primeiro turno. No segundo turno há uma queda de todas as valências válidas, indicando uma maior participação proporcional da valência neutra para PSDB e PT. As tendências também são praticamente as mesmas entre a valência negativa e positiva para o PSDB. A primeira fica acima durante todo o período. Já no caso do PT, existem variações e em boa parte do primeiro turno a soma de citações com valência positiva é maior que a de negativa.



Na eleição seguinte, em 2006, o comportamento das valências válidas é distinto. Há uma tendência de crescimento ao longo de todo o período para os dois partidos. Em praticamente todos os meses (exceto em junho) o número de citações negativas ao PSDB é maior que o de positivas ao partido. No caso do PT, em junho e no início do primeiro turno percebe-se uma inversão, com maior soma de citações positivas em relação a negativas. No segundo turno as citações negativas dos dois partidos ficam muito acima das positivas.

O gráfico 3 reforça a informação contida na tabela 1 de que em 2010 a FSP dedicou menos espaço com valência válida para os concorrentes dos dois principais partidos. É nesse ano que se notam as menores variações das tendências de valências válidas ao longo do tempo (as curvas apresentam menores ângulos) e também contam com somas mais baixas nos meses. Isso indica que não houve um crescimento tão grande da presença dos candidatos do PSDB e PT nas páginas dos jornais entre fevereiro e outubro, como percebido nas anteriores. Seguindo o padrão das coberturas de eleições anteriores, a soma de valências negativas do PSDB ficou acima da soma de positivas para o partido em praticamente todo o período analisado (exceto, novamente, o mês de



abril). Percebe-se, ainda, um “distanciamento” entre as valências positivas e negativas do PSDB a partir do início da campanha (mês de julho), quando as duas curvas passam a apresentar direções opostas. Já no caso do PT, entre maio e junho as valências positivas são em número maior que as negativas. Depois, durante o primeiro turno, no mês de agosto, acontece a mesma coisa. Apenas no segundo turno é que o número de citações negativas fica consistentemente maior que o de positivas para o PT.

Feita a discussão geral sobre as valências válidas dos dois principais candidatos nas eleições presidenciais a partir da FSP, o próximo passo é analisar como se dá a dinâmica dessas valências ao longo dos períodos de cobertura. Para tanto, utilizam-se os resultados de teste de similaridade Q de Yule, que mede as diferenças na presença ou ausência de determinada característica, quando comparada à outra. Aqui, a característica analisada é a valência válida (positiva e negativa) do PSDB e do PT nas três eleições. A característica a ser testada é o período da cobertura: pré-eleitoral (de fevereiro a junho), primeiro turno (de julho a setembro) e segundo turno (outubro). Nesse caso, O coeficiente do teste Q de Yule indica qual a possibilidade de encontrarmos mais uma valência em um dos períodos analisados em comparação com os demais. Quanto a direção, se o coeficiente for positivo, significa que a valência tende a se concentrar naquele período, se for negativo, indica o inverso. Quanto à força da relação, o coeficiente varia de zero a 1, quanto mais próximo de zero, menor concentração de determinada valência em um período. E quanto mais próximo de um, maior a possibilidade de encontrá-la.

A tabela 3 a seguir sumariza os coeficientes das valências válidas nos períodos eleitorais das três disputas para os dois partidos em análise. A partir dela é possível perceber comportamentos distintos dos partidos em cada uma das disputas, tanto para cobertura positiva, quanto negativa da FSP. Começando por 2002, percebe-se que as valências positivas do PSDB e do PT concentram-se no primeiro turno, com maior força para o último (0,281 e 0,557, respectivamente). Houve menos valência positiva para ambos, tanto no período pré-eleitoral quanto no segundo turno. Em relação à negativa, o comportamento da cobertura do PT e PSDB foi similar, com coeficientes positivos nos períodos pré-eleitoral e primeiro turno e coeficientes negativos (-0,739 para PSDB e -0,745 para PT) no segundo turno. Isso demonstra que a FSP tendeu a reduzir a cobertura negativa de José Serra e Lula no segundo turno. Como também houve queda da valência positiva no mesmo período, concluí-se que o jornal optou por dar maior cobertura neutra no segundo turno sobre os candidatos.

Tab. 3 – Coeficientes Q-Yule para valências válidas e períodos eleitorais na FSP

Ano	Período	Valência PSDB		Valência PT	
		Positiva	Negativa	Positiva	Negativa
2002	Pré-eleitoral	-0,212	0,006	-0,428	0,112
	Primeiro turno	0,281	0,423	0,557	0,325
	Segundo turno	-0,612	-0,739	-0,467	-0,745
2006	Pré-eleitoral	0,075	0,001	0,145	-0,083
	Primeiro turno	-0,006	-0,138	0,000	0,036
	Segundo turno	-0,070	0,146	-0,127	0,034
2010	Pré-eleitoral	0,128	-0,082	-0,142	0,013
	Primeiro turno	-0,340	-0,013	-0,011	-0,088
	Segundo turno	-0,138	0,142	-0,177	0,110

Fonte: Autor a partir de dados dos grupos de pesquisa UFPR/UEPG

Em 2006 a cobertura foi diferente. No caso do PSDB, as entradas com valência positiva concentraram-se no primeiro turno e tenderam a não aparecer nos demais períodos. Já a valência negativa concentrou-se no período pré-eleitoral e segundo turno, aparecendo menos no primeiro turno. O PT, por outro lado, teve entradas com valências positivas concentrando-se no período pré-eleitoral. Durante o primeiro turno não é possível indicar nenhuma correlação entre eles (coeficiente de 0,000) e no segundo turno o coeficiente foi negativo. Ou seja, nesse período tendeu a ocorrer menos valência positiva do que nos demais. Já a valência negativa concentrou-se principalmente no primeiro e segundo turnos, aparecendo menos no período pré-eleitoral.

Na disputa presidencial mais recente, em 2010, a cobertura eleitoral da FSP tendeu a concentra a valência positiva para PSDB no período pré-eleitoral, ocorrendo o inverso no primeiro e segundo turnos, que tiveram coeficientes negativos (ver tab. 3). Já as valências negativas tenderam a ficar mais no segundo turno e menos nos dois períodos anteriores (pré-eleitoral e primeiro turno). As valências para a cobertura da candidata do PT foram distintas. No caso de valência positiva, não houve concentração em nenhum dos períodos. Ao contrário, os coeficientes de todos eles mostraram negativos. Já as valências negativas tenderam a se concentrar no período pré-eleitoral e segundo turno, com coeficientes acima de zero. Já no primeiro turno o coeficiente foi negativo (-0,088), indicando que uma tendência a não aparecer valência negativa para Dilma Rousseff nesse período da campanha.

Em suma, os coeficientes do teste Q-Yule mostraram que o padrão das valências para candidatos foi sendo alterado entre as campanhas. Em 2002 houve uma tendência de



cobertura com valência neutra no segundo turno para os dois partidos, ou seja, PT e PSDB tiveram coeficientes negativos para as duas valências ao final da campanha. Em 2006 a FSP tendeu a não apresentar uma cobertura positiva do PSDB e do PT no segundo turno, porém, cresceu a participação relativa das valências negativas para ambos nesse período. O mesmo aconteceu em 2010, uma cobertura mais negativa conforme se aproxima o final da campanha.

A informação de que há uma tendência de crescimento da cobertura negativa conforme se aproxima do final (ver tab. 3) somada à de que nas três disputas o percentual de textos com valência negativa é sempre superior ao percentual de valência positiva para os dois partidos (ver tab. 2) nos obriga a estudar em mais detalhes os padrões de cobertura eleitoral da FSP no que diz respeito à relação direta entre as duas valências válidas – positiva e negativa. Para tanto, usaremos um cálculo denominado de Coeficiente de Desequilíbrio da cobertura, apresentado e testado por H. Lasswell nos anos 40 do século passado para análise de conteúdo político da mídia impressa norte-americana. O sociólogo desenvolveu esse coeficiente para verificar as valências dadas pelos jornais dos Estados Unidos à Alemanha nazista durante a segunda guerra mundial. No próximo tópico descreve-se como a metodologia foi adaptada para a análise da cobertura favorável e desfavorável da FSP aos candidatos do PSDB e PT à presidência da república entre 2002 e 2010.

3.1 - Aplicação do Coeficiente de Desequilíbrio de Lasswell à cobertura eleitoral da FSP entre 2002 e 2006.

Em 1943, Harold Lasswell e seus colaboradores publicaram como parte do relatório da divisão experimental para o estudo das comunicações em tempo de guerra uma proposta de metodologia empírica de análise de conteúdo para análise do tratamento dado pelos principais jornais norte-americanos aos temas Alemanha, nazismo e guerra. A principal inovação contida naquela proposta era o uso de um coeficiente para medir, comparativamente, o volume de citações positivas, negativas e sem valência definida em relação aos temas estudados. A esse indicador os pesquisadores deram o nome de “Coeficiente de Desequilíbrio”. Lasswell e seus colaboradores defendiam que a pesquisa empírica sobre produção jornalística dependia do avanço no uso de técnicas estatísticas para a análise objetiva de conteúdos das publicações jornalísticas.

“O Coeficiente destina-se a ser aplicado a todas as características analisadas em uma comunicação, desde que seja possível proceder à classificação de unidades de conteúdo de acordo com a ocorrência da característica, a ocorrência da característica oposta e a não ocorrência da característica” (Lasswell, 1980 p. 147)

No caso, eles analisavam as características presentes e ausentes nos conteúdos sobre o nazismo em jornais norte-americanos dos anos 40. Aqui, pretende-se adaptar a metodologia de análise de conteúdo para as características presentes e ausentes na cobertura feita pelo jornal Folha de São Paulo sobre os dois principais candidatos das eleições presidenciais de 2002, 2006 e 2010. Para tanto, assumimos as principais categorias de análise propostas por Lasswell aqui. Basicamente que “o conteúdo relevante inclui o conteúdo favorável (que contem ocorrências favoráveis), o conteúdo desfavorável (que contem ocorrências desfavoráveis) e o conteúdo neutro (que contém ocorrências das características que não são favoráveis nem desfavoráveis)” (Lasswell, 1980, p. 148). Usamos a variável “valência”, assumindo que valência positiva equivale a “conteúdo relevante favorável”, valência negativa é “conteúdo relevante desfavorável” e valência neutra, “conteúdo neutro”.

O cálculo do coeficiente de desequilíbrio parte da relação proporcional entre o número de citações favoráveis menos as desfavoráveis, depois de terem seus pesos relativos calculados separadamente. Inicialmente se encontra o coeficiente de cobertura favorável (passo 1). Em seguida faz-se o mesmo para o conteúdo desfavorável (passo 2). Por fim, o Coeficiente de Desequilíbrio é o resultado da subtração do primeiro pelo segundo (passo 3), ou seja, a influência composta dos dois coeficientes anteriores, como demonstrado nas equações a seguir (Lasswell, 1980 p. 152):

Passo 1:	Coeficiente Favorável: $C_f = \frac{f^2 - fv}{r \cdot t} = \frac{f - v}{r} \cdot \frac{f}{t}$
Passo 2:	Coeficiente Desfavorável: $C_v = \frac{v \cdot f - v^2}{r \cdot t} = \frac{f - v}{r} \cdot \frac{v}{t}$
Passo 3:	Coeficiente de Desequilíbrio: $AT = C_f - C_v$
Onde:	
	AT – Influência composta do Coeficiente de Desequilíbrio
	C_f – Coeficiente de desequilíbrio favorável
	C_v – Coeficiente de desequilíbrio desfavorável
	f – número de citações favoráveis
	v – número de citações desfavoráveis



r – número de citações válidas (favoráveis + desfavoráveis)
t – total de citações (favoráveis + desfavoráveis + neutras + equilibradas)

A principal vantagem na análise a partir de coeficientes é que eles permitem um estudo comparativo dos resultados normalizados. Assim, o Coeficiente de Desequilíbrio pode assumir qualquer valor entre +1 e -1, passando por zero. Quanto mais distante de zero, maior o desequilíbrio na cobertura, seja em favor da abordagem positiva ou negativa, como demonstra o quadro a seguir:

Quadro 1 – Tendências indicadas pelo Coeficiente de Desequilíbrio

- 1 ←	→ 0 ←	→ + 1
Desequilíbrio em favor de cobertura negativa	Cobertura equilibrada, sem viés favorável ou contrário	Desequilíbrio em favor de cobertura positiva.

No caso, a influência composta do Coeficiente de Desequilíbrio (AT) apresenta como fatores nas fórmulas o número de citações com valência positiva para cada candidato (f), número de citações com valência negativa para eles (v), soma das citações com valência positiva e negativa (r) e o total de citações para candidatos do PT e PSDB em cada uma das três eleições analisadas aqui (t).

A aplicação do Coeficiente de Desequilíbrio permite um avanço nas análises realizadas na seção anterior do *paper*. Até aqui, identificamos algumas relações e diferenças nas valências dos candidatos do PSDB e PT na FSP. A partir de agora poderemos fazer comparações diretas, com os coeficientes, sobre as valências destinadas aos candidatos à presidência nas três eleições. Por exemplo, constatamos anteriormente que os percentuais de valências negativas sempre foram superiores aos percentuais de valência positiva, com isso, espera-se encontrar um coeficiente de desequilíbrio abaixo de zero, ou seja, desequilíbrio com viés negativo. Além disso, o coeficiente de desequilíbrio também será aplicado a segmentos específicos do jornal, além da cobertura total, para tentar identificar variações qualitativas na FSP. Também será aplicado o coeficiente para as citações dos candidatos no material informativo da FSP (reportagens, notas informativas e fotos), no material opinativo/interpretativo (colunas de jornalistas, artigos de especialistas/leitores, editoriais e charges), e na primeira página – considerado o espaço mais nobre do jornal.

O objetivo é verificar, além do coeficiente de desequilíbrio do jornal todo, como se dá o tratamento dos candidatos pelos jornalistas – informativo –, pelos articulistas –

opinativo – e pelos editores de primeira página – espaço de maior visibilidade do jornal. A tabela 4 a seguir apresenta todos os coeficientes de desequilíbrio dos dois partidos para os segmentos do jornal nas três campanhas presidenciais em análise. Em relação à cobertura, nos três anos, a média do AT foi de -0,083, ou seja, como indicado antes, a FSP apresentou um viés negativo nas coberturas dos dois principais candidatos à presidência da república. Porém, percebe-se uma baixa negatividade, pois o coeficiente fica muito próximo de zero. No caso do PSDB, a média das três eleições foi de um AT de -0,097, enquanto que para o PT, a média de AT nas disputas ficou em -0,68. Com isso, é possível dizer que ao considerarmos as três disputas, os dois partidos receberam tratamento com viés negativo do jornal, porém, o PSDB teve um grau de negatividade um pouco superior ao do PT.

Ainda considerando as médias dos coeficientes (calculadas a partir da tab. 4), percebe-se que nos três anos houve praticamente o mesmo desequilíbrio entre o material informativo e opinativo do jornal, -0,088 e -0,086 respectivamente. No caso das médias do PSDB as entradas informativas foram mais negativas que as opinativas, -0,103 a -0,097 respectivamente. As médias do PT ficaram mais equilibradas nos três anos, sendo -0,073 para informativo e -0,076 para opinativo. Apesar da pequena diferença indica que o PT recebe tratamento mais negativo em textos opinativos do que nos informativos da FSP, o inverso do que se percebeu com o PSDB. Porém, os resultados mais surpreendentes são relativos às primeiras páginas. Ao contrário do que a literatura normativa indica, a capa do jornal não foi o espaço mais neutro/informativo do que os demais segmentos da edição. A média do coeficiente de desequilíbrio ficou em -0,132, acima de todas as médias apontadas anteriormente – inclusive do material opinativo. Essa média está fortemente relacionada aos elevados níveis de negatividade do PSDB nas primeiras páginas do jornal (-0,171), contra apenas -0,093 do PT no mesmo espaço. No entanto, as médias das três eleições não indicam as variações nas coberturas de cada eleição. A tabela 4 traz os coeficientes para cada partido individualmente. A partir dela, é possível perceber que a cobertura mais negativa para o PSDB foi em 2002, quando todos os coeficientes do partido ficam acima de -0,150 para o candidato José Serra. Em 2006 a negatividade para o PSDB diminuiu e foi o ano com a cobertura do candidato do partido mais próxima do equilíbrio em toda a cobertura, informativo e opinativo. Naquela ocasião, o candidato do partido era Geraldo Alckmin. Apenas o coeficiente de desequilíbrio da primeira página foi o mais elevado de todos (-0,254). Em 2010, novamente com José Serra, o coeficiente de desequilíbrio do PSDB ficou entre os dois

anos anteriores. Mais baixo que 2002, porém, um pouco acima de 2006. Destaque para o material opinativo da FSP sobre o PSDB em 2010, -0,107, bem acima da campanha presidencial anterior (-0,028).

Tab. 4 – Coeficientes de Desequilíbrio (AT) para cobertura eleitoral da FSP

ANO	TODA COBERTURA		INFORMATIVO		OPINATIVO		1ª PÁGINA	
	PSDB	PT	PSDB	PT	PSDB	PT	PSDB	PT
2002	-0,151	-0,032	-0,150	-0,027	-0,156	-0,069	-0,163	-0,048
2006	-0,048	-0,109	-0,077	-0,124	-0,028	-0,099	-0,254	-0,200
2010	-0,094	-0,065	-0,084	-0,068	-0,107	-0,062	-0,098	-0,032

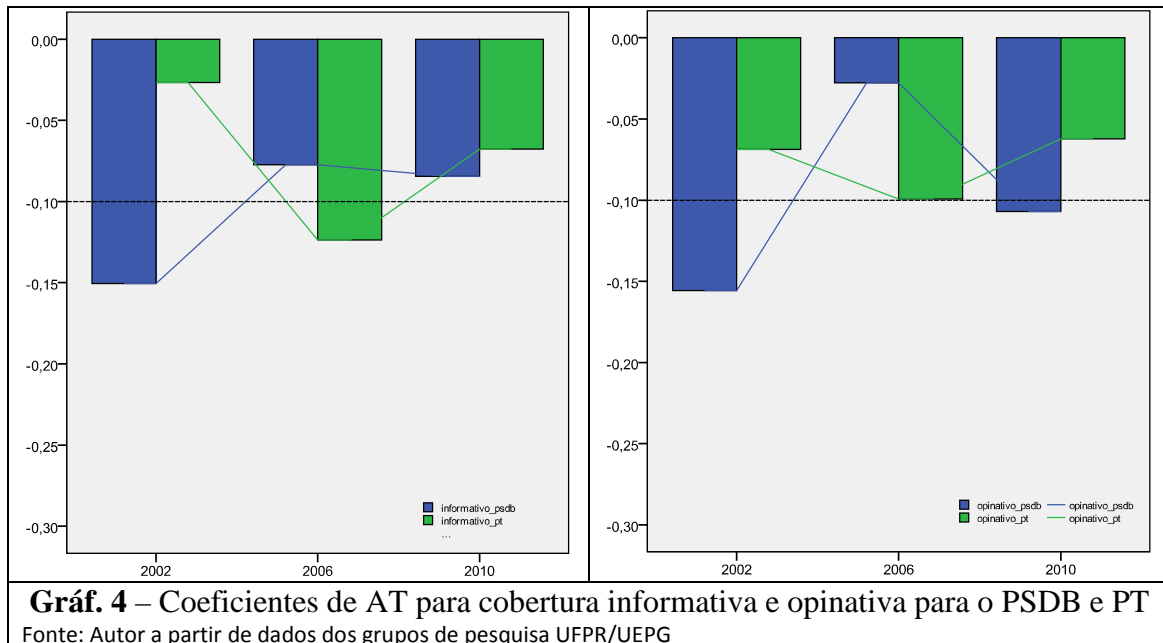
Fonte: Autor a partir de dados dos grupos de pesquisa UFPR/UEPG

No caso do PT, o Coeficiente de Desequilíbrio aponta que a cobertura mais negativa foi a de 2006, quando o então presidente Luis Inácio Lula da Silva disputava a reeleição. Naquele ano, a cobertura do PT nas páginas internas do jornal variaram entre -0,099 e -0,124. O destaque fica por conta do alto coeficiente de desequilíbrio na primeira página, -0,200, o mesmo padrão identificado na cobertura do PSDB. O ano de 2006 foi quando a FSP tratou os candidatos do PSDB e do PT de maneira mais negativa nas capas de suas edições. Em termos proporcionais, a cobertura geral menos negativa do candidato do PT foi em 2002, com -0,032, para o então candidato de oposição, Luis Inácio Lula da Silva. O mesmo acontece para a cobertura informativa (-0,027). Já a cobertura menos negativa para o PT no material opinativo e na primeira página da FSP foram em 2010, com -0,062 e -0,032 respectivamente.

Se considerarmos apenas as eleições de 2002 e 2010 – quando não houve candidato à reeleição –, percebe-se pelos coeficientes uma tendência de queda na negatividade do PSDB em todos os espaços da cobertura. Já no caso do PT o efeito foi parcialmente contrário. Houve crescimento de desequilíbrio negativo em toda cobertura e no material informativo nas duas disputas. Já na cobertura opinativa e da primeira página houve queda do coeficiente de desequilíbrio negativo em relação ao PT entre 2002 e 2010.

Os gráficos a seguir representam os coeficientes de desequilíbrio em cada segmento da cobertura. O gráfico 4 compara os coeficientes da cobertura informativa com a opinativa para os dois partidos, nas três disputas. Os gráficos foram marcados na linha de -0,100 para indicar baixos desequilíbrios, muito próximos de zero. Percebe-se na imagem, a partir das linhas de tendência, que o comportamento da FSP em relação aos dois partidos foi similar, tanto no material informativo, quanto no opinativo. A

negatividade na cobertura do PSDB era grande em 2002, diminuiu em 2006 para voltar a crescer em 2010. No caso do PT, ela sai de baixo em 2002, cresce em 2006 para diminuir um pouco em 2010. A maior parte das colunas fica abaixo do limite de $-0,100$. No caso da cobertura informativa do PSDB, apenas em 2002 ele ultrapassa esse limite. Já no material opinativo, o PSDB passa do limite de $-0,100$ de coeficiente de desequilíbrio em 2002 e 2006. Já no caso do PT, a única coluna que ultrapassou o limite indicado no gráfico foi a da cobertura informativa de 2006. Um detalhe importante a perceber nos gráficos é que a cobertura opinativa tendeu a ser mais próxima do equilíbrio do que a informativa. Isso não significa que os articulistas e colunistas da FSP não exprimiam opiniões positivas ou negativas sobre os candidatos, mas demonstra um “equilíbrio” na publicação de opiniões favoráveis ou contrárias a ambos partidos.

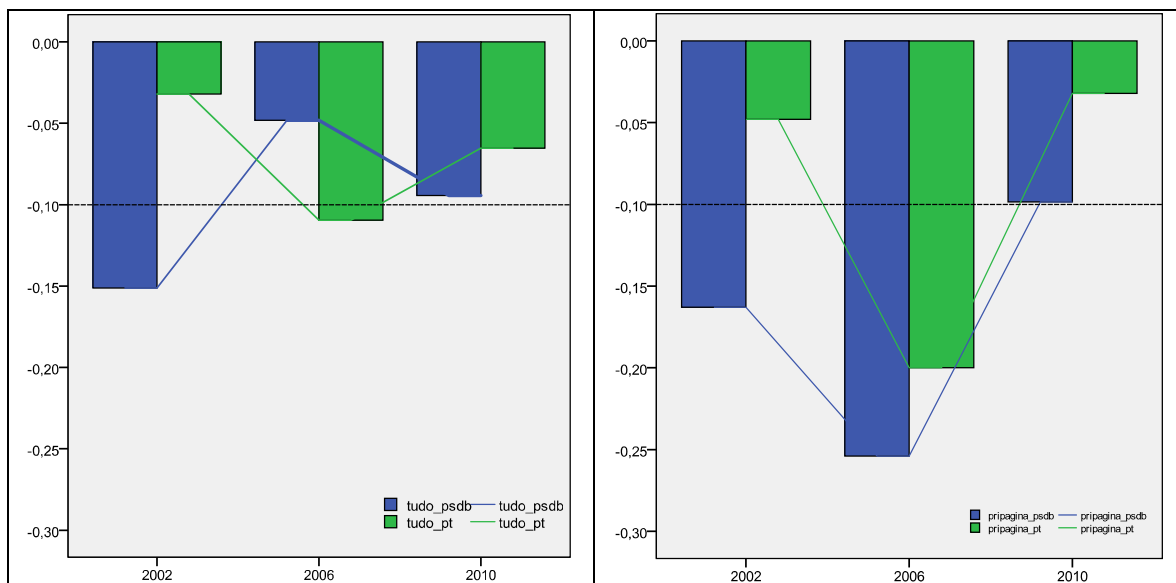


O gráfico 5 abaixo mostra os coeficientes de desequilíbrio para toda a cobertura e apenas para as citações dos candidatos nas primeiras páginas. Em termos gerais é possível perceber que toda a cobertura apresenta o mesmo padrão já identificado nos gráficos anteriores, com alta negatividade para PSDB em 2002, queda acentuada em 2006 e aumento parcial em 2010.

Já no caso do PT a tendência é inversa, com baixa negatividade em 2002, crescimento em 2006 e relativa queda em 2010. Ao olharmos as linhas de tendência dos dois partidos, percebe-se a criação de uma imagem que lembra um “peixe” entre as tendências do PSDB e PT. Já em relação às aparições dos candidatos nas primeiras

páginas dos jornais, percebe-se uma mudança de tendências. A figura formada pelas linhas é um duplo “V”. Tanto PSDB quanto PT começam em 2002 com negatividade média na primeira página, cresce em 2006 para voltar a cair em 2010.

No caso do PSDB, para toda a cobertura, a única coluna a ultrapassar o limite de -0,100 foi em 2002. Já na primeira página os candidatos do partido tiveram negatividades superiores em 2002 e 2006, ficando abaixo da linha apenas em 2010. O PT apresenta baixa negatividade em 2002 e 2010, ficando acima do limite de -0,100 apenas em 2006. Em relação à primeira página, o Partido dos Trabalhadores apresenta grande negatividade apenas em 2006, ainda assim, ficando abaixo do PSDB.



Gráf. 5 - Coeficientes de AT para cobertura total e primeira página para o PSDB e PT

Fonte: Autor a partir de dados dos grupos de pesquisa UFPR/UEPG

Vale lembrar que em 2006 o então presidente e candidato à reeleição, Lula, ainda passava por uma crise política, chamada de “escândalo do mensalão” pela mídia, o que ajudaria a entender o crescimento da negatividade na cobertura como um todo e – principalmente – nas capas do jornal. No entanto, o que surpreende é que mesmo com essa fonte de abordagem negativa para o PT, o partido ficou atrás do PSDB no que diz respeito ao desequilíbrio nas capas. Em outras palavras, embora a cobertura geral da campanha do Alckmin tenha sido menos negativa que as coberturas das duas disputas de José Serra pelo PSDB, no caso da primeira página aconteceu o inverso. Alckmin foi o candidato tucano com a maior cobertura negativa na primeira página durante o período em análise.



4. NOTAS CONCLUSIVAS

O estudo comparativo quantitativo a partir da análise de conteúdo dos textos publicados na FSP se mostrou bastante útil para responder a algumas questões de pesquisa. Pensando inicialmente na cobertura eleitoral da Folha de São Paulo, percebe-se uma relativa queda na quantidade de citações dos candidatos entre os meses de fevereiro e outubro de 2002, 2006 e 2010. No primeiro ano foram 7,1 mil entradas com citação de pelo menos um dos candidatos, em 2006 esse número ficou em 8,5 mil e em 2010 caiu para 6,1 mil entradas. Se considerarmos que em 2006 havia um candidato à reeleição e isso “inflacionou” a cobertura, com citações de Lula como presidente e candidato ao mesmo tempo, podemos explicar o aumento no segundo ano. Ao excluirmos as citações de Lula presidente naquele ano, os números ficam abaixo de sete mil. Além disso, percebe-se uma concentração dessa cobertura nos candidatos melhor colocados nas intenções de voto. Em todas as disputas analisadas aqui, os concorrentes do PT e do PSDB apareceram em cerca de 50% do total de citações de candidatos à presidência da república. Em 2006, mais uma vez por conta da reeleição de Lula, o então presidente esteve presente em mais de 70% dos textos que citaram pelo menos um dos concorrentes àquela eleição.

Como a principal análise aqui diz respeito aos textos com valências válidas (positiva ou negativa) e não ao total de citações, os dados mostraram que ao descontarmos as valências neutras, predominou na FSP – em todos os períodos de análise – uma cobertura negativa dos principais candidatos. Apesar de aparecerem mais, PT e PSDB recebem mais citações negativas proporcionalmente. No caso de 2006 há um destaque ainda para o PT, que apresenta uma diferença maior entre negativo e positivo ao longo do ano. Isso pode ser explicado pelos resquícios do “escândalo do mensalão”, que povoou quase cotidianamente as páginas dos jornais até o início da campanha de 2006.

O teste de diferenças Q-yule, usado na primeira parte das análises dos dados, indica as similaridades entre as proporções de aparições negativas e positivas dos candidatos, divididas em três períodos do ano: pré-eleitoral (de fevereiro a junho), primeiro turno (de julho a setembro) e segundo turno (outubro). No caso do PSDB, as valências positivas tenderam a se concentrar no primeiro turno das eleições de 2002 e nos períodos pré-eleitorais de 2006 e 2010. Já as valências negativas para os candidatos tiveram maior presença no período pré-eleitoral e primeiro turno de 2002, pré-eleitoral de 2006 e no segundo turno de 2010. Para o PT, as valências positivas



tenderam a se concentrar no primeiro turno de 2002 e pré-eleitoral e primeiro turno de 2006. Em 2010 não há predomínio de valência positiva da candidata do PT em nenhum do período. Quanto às valências negativas do PT, em 2002 elas ficaram no pré-eleitoral e primeiro turno; em 2006 no primeiro e segundo turnos e em 2010 no pré-eleitoral e no segundo turno. Com a análise comparativa dos resultados de Q-Yule é possível perceber um padrão na cobertura da FSP. Os dois partidos apresentam uma tendência de concentração de valências positivas nos períodos iniciais da disputa (pré-eleitoral e primeiro turno) e de valências negativas nos segundos turnos das disputas.

O uso do Coeficiente de Desequilíbrio de Lasswell para a análise comparativa da cobertura política da FSP permitiu a geração de resultados interessantes. Principalmente porque ele foi usado para testar as relações proporcionais entre valências positivas e negativas aos candidatos em segmentos específicos da cobertura (material informativo, material opinativo e nas chamadas de primeira página).

Para a cobertura como um todo dos candidatos do PSDB e PT com valências válidas, o Coeficiente de Desequilíbrio demonstrou que na FSP há um predomínio de valência negativa sobre a positiva nas três eleições. Percebe-se que para o PSDB a cobertura mais “negativa” foi durante a campanha de 2002, quando José Serra disputava a eleição como candidato da continuidade do governo Fernando Henrique Cardoso, que por sua vez tinha baixos índices de satisfação da Opinião Pública naquele período. Já para o PT, a campanha mais negativa foi a de 2006, quando o então candidato à reeleição, Lula, respondia pelo governo que era acusado de patrocinar práticas de distribuição de sobras de recursos de campanha (Caixa 2 eleitoral) para parlamentares votarem favoravelmente propostas apresentadas pelo Poder Executivo no Congresso Nacional – que ficou conhecido por “mensalão”. Conclui-se que as coberturas mais negativas do PT e PSDB pela FSP deram-se quando esses partidos estavam no governo e não na oposição.

Sobre a análise segmentada da cobertura, o Coeficiente de Desequilíbrio também identificou alguns padrões que não seriam percebidos com o uso de outras técnicas e que contrariam parte da literatura teórica sobre produção jornalística. Em primeiro lugar, percebe-se que não há uma diferença tão grande nos desequilíbrios da cobertura informativa e opinativa da FSP – para o caso em análise aqui. Os coeficientes ficam muito próximos. O que não significa que não haja opinião no jornal sobre os candidatos, mas sim que o tratamento positivo e negativo em textos opinativos tende a ser quase tão equilibrado quanto nos informativos. Isso vale para os dois partidos. Olhando para os resultados de cada eleição, percebe-se que tanto na cobertura informativa quanto na



opinativa com valências válidas, o PSDB tem o maior coeficiente negativo em 2002 e o PT, em 2006.

Os resultados inesperados ficam por conta dos Coeficientes de Desequilíbrio para as aparições dos candidatos nas primeiras páginas da FSP. Ao contrário do que propõe a literatura normativa, de que a capa é o espaço predominante da informação superficial e sem juízos valores, os maiores desequilíbrio na cobertura eleitoral ficaram nas primeiras páginas do jornal. O desequilíbrio negativo nesses espaços foi superior, inclusive, ao da cobertura opinativa. Quando comparamos dos dois partidos, percebe-se ainda que o PSDB recebeu um tratamento mais negativo que o PT nas capas da FSP em todas as três disputas presidenciais.

As análises apresentadas aqui não têm a pretensão de serem conclusivas ou definitivas sobre a cobertura eleitoral da FSP, assim como o tratamento que o jornal dispensa aos candidatos e principais líderes do PSDB e PT. Elas pretendem contribuir para a maior visibilidade de técnicas ainda não exploradas para a pesquisa empírica em jornalismo. O rendimento analítico proporcionado pelo Coeficiente de Desequilíbrio aqui comprova ser desnecessário esperar novas “ferramentas” de pesquisa para avançarmos nos estudos empíricos em jornalismo no Brasil. Basta usar o que já está disponível na literatura. No Caso, o coeficiente proposto por Lasswell existe desde 1943, para ter suas possibilidades de aplicação testas e ampliadas.

5. REFERÊNCIAS

BAUER, M. & GASKEL, George. Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem e Som. Editora Vozes: Petrópolis – RJ, 2003.

HABERMAS, Jürgen. *Political Communication in Media Society: Does Democracy Still Enjoy an Epistemic Dimension? The Impact of Normative Theory on Empirical Research.* *Communication Theory*. N. 16, 2006. P.411-426.

JANOWITZ, Morris. *Harold D. Lasswell's contribution to content analysis.* *Public Opinion Quarterly*, 1961.

LASSWELL, Harold & BLUMENSTOCK, Dorothy. *The Volume of Communist Propaganda In Chicago.* *Public Opinion Quarterly*, January 1939.

LASSWELL, Harold. *A Linguagem da Política.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

WEBER, Max. *Sociologia da Imprensa: um programa de pesquisa.* *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia*. Vol. I, 1º Semestre, 2005.